

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ENFERMAGEM
CURSO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
NA ÁREA DE SAÚDE: ENFERMAGEM**

**O ENSINO DA SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM
NOS CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL MÉDIO**

Juliana Cristina de Souza

Belo Horizonte
2012

Juliana Cristina de Souza

**O ENSINO DA SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM
NOS CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL MÉDIO**

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área da Saúde: Enfermagem – CEFPEPE, da Universidade Federal de Minas Gerais, Pólo Corinto, como requisito parcial à obtenção do título de especialista.

Orientadora: Profa Dra. Lenice de Castro Mendes Villela.

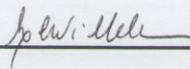
Belo Horizonte
2012

Juliana Cristina de Souza

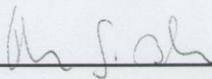
**O ENSINO DA SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM
NOS CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL MÉDIO**

Trabalho apresentado ao curso de Especialização em
Formação Pedagógica em Educação Profissional na
Área da Saúde: Enfermagem – CEFPEPE, da
Universidade Federal de Minas Gerais, Pólo Corinto.

BANCA EXAMINADORA:



Orientadora: Prof.ª Dr.ª Lenice de Castro Mendes Villela



Prof.ª Dr.ª Paula Gonçalves Bicalho

Data da aprovação: 09/03/2012

Corinto
2012

“Enquanto estivermos tentando, estaremos felizes. Lutando pela definição do indefinido, pela conquista do impossível, pelo limite do ilimitado, pela ilusão de viver. Quando o impossível se torna um desafio, a satisfação está no esforço, e não apenas na realização final.” (Mahatma Gandhi)

RESUMO

Trata-se de uma revisão de literatura, em que se adotou a metodologia da revisão integrativa com o objetivo de identificar se a Sistematização da Assistência de Enfermagem vem sendo ensinada nas escolas de formação profissional de nível médio. Realizou-se a busca bibliográfica nas bases de dados LILACS e BDENF. Foram selecionadas 43 referências através do título e resumo, todas lidas na íntegra. Destas, 11 responderam aos objetivos do estudo. Além disso, utilizou-se um livro e legislações de enfermagem necessárias para o desenvolvimento do estudo em questão. Constatou-se que a metodologia Sistematização da Assistência de Enfermagem não faz parte das matrizes curriculares dos cursos de técnicos de enfermagem e que o saber fazer ainda prevalecer sobre qualquer outro saber. O conhecimento adquirido por esses profissionais sobre o processo de enfermagem foi transmitido através de capacitações nos ambientes de trabalho. Considera-se que os currículos das instituições de nível médio em enfermagem precisam ser reformulados e adequados à contemporaneidade, enquanto isso não acontece a perda é evidenciada no cuidado oferecido aos pacientes.

Descritores: Auxiliares de Enfermagem. Processos de Enfermagem. Educação em Enfermagem. Educação Profissionalizante.

ABSTRACT

It is a literature review, in which was adopted the methodology of integrative review in order to know whether the Systematization of Nursing Care is taught in Professional Technical Schools of Middle Level. A bibliografy search was performed in databases LILACS and BDENF. Forty three references have been selected by title and abstract, all read in their entirety. Of these, eleven were suited to the theme of the work. Furthermore, it was used a book and nursing laws necessary for the development of the study. It was found that the methodology Systematization of Nursing Care is not part of the curricular matrices of the nursing technician courses and know-how still prevails over any other knowledge. The little these professionals know about the nursing process was passed through training and capabilities in the workplace. It is considered that the curriculum of nursing institutions of intermediate level need to be redesigned and reshaped to contemporary times. Until that happens the loss is shown in the care offered to patients.

Keywords: Nursing Assistants. Nursing Process. Nursing Education. Professional Education.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	08
2-OBJETIVO	11
3-PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
4-RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
4.1-Limitações do estudo.....	17
5-CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS19

1 – INTRODUÇÃO

A Enfermagem é uma profissão que se desenvolveu no decorrer dos períodos históricos. Iniciou com práticas instintivas, as quais garantiam ao homem a manutenção da sua sobrevivência, estando na sua origem, associadas ao trabalho feminino, caracterizado pela prática do cuidar nos grupos nômades primitivos. Evoluiu perpassando pelas ações mágico-sacerdotais, que abordavam a relação mística entre as práticas religiosas e de saúde primitivas desenvolvidas pelos sacerdotes nos templos (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM, 2011).

Seu alvorecer enquanto ciência data de sua associação com o desenvolvimento de práticas de saúde fundamentadas pelo surgimento da filosofia e pelo seu estímulo na busca do conhecimento científico, por volta do século V a.C. No entanto, influenciada diretamente pelas ações dos sacerdotes no período medieval, a Enfermagem não ganhou a conotação de prática profissional, mas de sacerdócio, que prioriza a abnegação, a solidariedade e o espírito de servir (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM, 2011).

As práticas de saúde pós-monásticas evidenciam a evolução das ações de saúde no contexto dos movimentos Renascentistas e da Reforma Protestante. Corresponde ao período que vai do final do século XIII ao início do século XVI. No entanto, o progresso advindo da Renascença não contribuiu para o crescimento da Enfermagem, que por muito tempo, permaneceu empírica e desarticulada (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM, 2011).

Apenas no século XIX, na Inglaterra, surge a Enfermagem moderna, com Florence Nightingale, que a partir de práticas simples de higiene e a preocupação com o ambiente, consegue mudar a realidade hospitalar da época. Em 1854, sua atuação junto aos soldados feridos na Guerra da Criméia são a prova de que um cuidado disciplinado é transformador (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

A Enfermagem nos moldes Nightingaleanos foi implantada no Brasil na década de 1920, sendo divulgada pelas enfermeiras norte-americanas, da Fundação Rockefeller, a pedido do sanitarista Carlos Chagas. Naquele período a principal preocupação era formar enfermeiras capazes de estabelecer um cuidado voltado para o controle das epidemias instaladas no país, já que a propagação das doenças infecto-contagiosas era uma ameaça econômica e social (MEDEIROS; TIPPLE; MUNARI, 2008).

Até em torno de 1940, o foco da enfermagem era centrado nas tarefas e procedimentos, sem levar em consideração a construção intelectual da profissão (SOUZA; FILHA; SILVA; MONTEIRO; FIALHO, 2006). Oliveira, Paula e Freitas (2007) reforçam essa afirmação ao relatarem que a prática de Enfermagem sempre esteve fundamentada em princípios, crenças e valores tradicionalmente aceitos e que até o final de 1950 pouco se fez em relação à ciência do ato de cuidar. Nessa perspectiva, Leadebal, Fontes e Silva (2010) afirmam que o cuidado é tido como elemento principal da prática profissional da enfermagem e tem balizado as áreas de ensino e pesquisa. A fim de estabelecer-se como profissão, baseada em práticas científicas, a enfermagem brasileira, na década de 1970, traça seu objetivo na busca por destituir-se da imagem de um fazer meramente intuitivo e submisso para ganhar autonomia profissional e definir um novo processo de trabalho.

A implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), no final da década de 1980, suscitou discussões sobre as novas formas de abordar o processo saúde-doença, dentro de um contexto sócio-político-econômico-cultural (SOUZA; FILHA; SILVA; MONTEIRO; FIALHO, 2006). Essa nova visão sobre saúde fortaleceu as práticas voltadas para o cuidado, uma vez que elas englobam as ações de promoção, prevenção, tratamento e reabilitação, além de abordar o indivíduo de forma integral. Nesta abordagem o processo de trabalho da enfermagem amplia sua conotação científica e incorpora novas metodologias.

Na busca por um instrumento metodológico que favoreça o cuidado e organize o fazer adotou-se a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE). A SAE é uma metodologia científica que possibilita ao enfermeiro aplicar seus conhecimentos técnico-científicos na assistência prestada ao paciente de forma que o confira mais segurança, melhore a qualidade dos serviços prestados, dê maior autonomia ao profissional, direcione as atividades realizadas e contribua com a credibilidade e visibilidade da profissão (TANNURE; PINHEIRO, 2009).

No Brasil, essa metodologia foi divulgada principalmente por Wanda Horta, primeira teórica brasileira, por meio de suas publicações sobre a Teoria das Necessidades Humanas Básicas (SOUZA; FILHA; SILVA; MONTEIRO; FIALHO, 2006; TANNURE; PINHEIRO, 2009). Além da nomenclatura Sistematização da Assistência de Enfermagem nomes como Metodologia da Assistência, Processo de Enfermagem (PE), Processo de Cuidado, Metodologia do Cuidado, Processo de Assistir, Processo de Atenção em Enfermagem, Planejamento da Assistência e Consulta

de Enfermagem, também são adotados (RAMOS; CARVALHO; CANINI, 2011; CRUZ; ALMEIDA, 2010). Neste estudo SAE e PE foram utilizados como sinônimos, respeitando as denominações utilizadas pelos autores.

A Resolução Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) 272 de 2002, atualmente revogada pela Resolução 358 de 2009 (COFEN, 2009) dispõe que as cinco fases do PE - Coleta de dados, Diagnóstico de Enfermagem, Planejamento, Implementação e Avaliação- devem ser realizados em qualquer serviço de saúde, público ou privado, sempre fundamentado em um modelo teórico, sendo que, de acordo com a Lei 7.498 de 1986 (BRASIL, 1986), compete privativamente ao enfermeiro: planejamento, organização, coordenação, execução, avaliação dos serviços de enfermagem e prescrição da assistência de enfermagem. Ao técnico de enfermagem compete, de acordo com artigo 12 desta lei, participar do planejamento da assistência e executar as ações assistenciais de enfermagem, exceto as privativas do enfermeiro.

Na proposta da SAE todos os membros da equipe de enfermagem são aptos a participar e contribuir para sua implementação, respeitadas as respectivas atribuições técnicas e legais. Entretanto, na prática do cuidado, percebe-se o pouco envolvimento dos técnicos com a SAE, sendo sua participação restrita à execução dos cuidados prescritos, semelhante à execução da prescrição médica. Nessa visão, o cuidado ao paciente se torna prejudicado, pois o técnico não contribui com a coleta de dados, com seus conhecimentos para elaboração do plano de cuidados e não permite ampliar o planejamento das ações.

A razão desse pouco envolvimento se deve, muitas vezes, a falta de conhecimento sobre a proposta da SAE. Atualmente, os cursos de graduação em enfermagem proporcionam o ensino da SAE, contudo, questiona-se como essa metodologia tem sido ensinada nos cursos de formação profissional de nível médio.

Assim, essa revisão integrativa justifica-se pelo fato da SAE ser um método de trabalho que permite à equipe de enfermagem realizar uma assistência subsidiada cientificamente e como consequência um cuidar com maior qualidade e credibilidade. Para que sua implementação seja efetiva o conhecimento adquirido durante a formação dos profissionais é primordial e decisivo, inclusive a formação dos técnicos de enfermagem, que são parte integrante da equipe e devem colaborar nas etapas do processo de enfermagem.

2 - OBJETIVO

Identificar, a partir da metodologia integrativa, como a Sistematização da Assistência de Enfermagem está sendo abordada e aplicada nos cursos de educação profissional de nível médio de enfermagem.

3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo, foi adotada a metodologia da revisão integrativa. Dentre os métodos de revisão, esta é considerada uma das mais abrangentes, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais. O método também permite a inclusão de literatura teórica e empírica. (MENDES, SILVEIRA, GALVÃO, 2008; SOUSA, SILVA, CARVALHO, 2010).

A busca literária foi feita nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e na Base de Dados de Enfermagem (BDENF), utilizando-se os descritores Auxiliares de Enfermagem, Processos de Enfermagem, Educação em Enfermagem e Educação Profissionalizante, sendo que todos foram validados como Descritores em Ciências da Saúde (Decs-saúde).

Na etapa subsequente foram selecionadas as referências bibliográficas de interesse para este estudo, considerando como critério de inclusão artigos e teses publicados entre os anos de 2000 e 2011. Esse período se justifica em função da implantação da SAE, a partir de 1999, ter sido normatizada pela Decisão do COREN-SP/DIR/ 008/1999 no cenário da saúde paulistana (COREN-SP,1999). No âmbito nacional a normatização da SAE foi balizada pela Resolução COFEN 272 de 2002 (COFEN, 2002). Outro critério de inclusão foram referências que responderam ao objetivo proposto pelo estudo e que fossem em português.

A partir dos descritores foram encontradas 196 referências, excluídas aquelas que apareceram repetidamente. A seleção das mesmas se deu por meio da leitura do título e resumo. A partir desse critério foram levantadas 43 referências, todas lidas na íntegra. Destas, 11 foram consideradas pertinentes para o estudo em questão. Além deste material selecionado, utilizou-se também um livro que trata do processo de formação dos profissionais de nível médio, e legislações da enfermagem brasileira sobre a Sistematização da Assistência.

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na educação profissional, a formação do técnico em enfermagem vem sofrendo transformações relativas às novas concepções concretizadas por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN). As DCN passam a estabelecer como concepção orientadora o modelo das competências, que procura desenvolver nos trabalhadores características como raciocínio crítico, empreendedorismo e iniciativa. (BRASIL, 1999). Qualidades que certamente permitirão ao futuro profissional traçar seu itinerário de forma a atender suas demandas.

Leadebal, Fontes e Silva (2010) naquilo que concerne a uma prática educativa transformadora destacam que deve ser criteriosa a seleção das metodologias de ensino que focalizam o desejo de estimular um raciocínio crítico, reflexivo, questionador e libertador dos discentes. Entre essas metodologias inclui-se o ensino do Processo de Enfermagem tanto nos cursos superiores quanto de nível médio.

No que tange à formação das competências dos técnicos de enfermagem relacionadas ao conhecimento sobre a SAE, é necessário o desenvolvimento de vários saberes para sua implementação, entre eles o domínio dos conhecimentos teóricos e práticos de enfermagem necessários ao atendimento das necessidades do paciente.

Na atualidade dá-se ênfase ao ensino da Sistematização da Assistência de Enfermagem aos graduandos em enfermagem, enquanto pouca ou nenhuma informação é oferecida aos estudantes do curso técnico. Vale lembrar que a implantação da SAE nas instituições que oferecem serviços de enfermagem será uma questão de tempo, assim sendo, necessário se faz adequar a formação desses profissionais.

Ramos, Carvalho e Canini (2009) observaram, na pesquisa que realizaram em um hospital, que muitos técnicos de enfermagem não tiveram conteúdo sobre a SAE durante a sua formação e que passaram a conhecer essa metodologia de assistência após o ingresso profissional nas instituições, mediante treinamentos específicos. E, muito embora os sujeitos participem de treinamentos sobre o tema no próprio local de trabalho, ainda têm dificuldade em identificar as fases da SAE em que participam.

A Resolução COFEN 358 de 2009 é bastante clara ao dizer que dentre as fases do Processo de Enfermagem compete privativamente ao enfermeiro o diagnóstico de enfermagem, sendo que nas demais fases os profissionais de nível técnico, participam naquilo que lhes couber, sob supervisão e orientação do enfermeiro (COFEN, 2009). Em conformidade com a lei do exercício profissional da enfermagem, 7.498 de 1986,

em seu artigo 12, os técnicos exercem atividades que envolvem a orientação e acompanhamento do trabalho de enfermagem em grau auxiliar, e participação no planejamento da assistência de enfermagem (BRASIL, 1986).

A partir da análise das diretrizes legais é possível afirmar que exceto a fase diagnóstica e a prescrição, propriamente dita, que são privativas do enfermeiro, em todas as outras fases os técnicos podem e devem contribuir com seus conhecimentos, inclusive durante a fase de elaboração do plano de cuidados eles podem opinar. Sendo assim, é essencial que haja disciplinas sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem nas matrizes curriculares dos cursos técnicos de nível médio.

Os sujeitos do estudo realizado por Ramos, Carvalho e Canini (2009) são exemplos do pouco conhecimento que os técnicos possuem sobre a SAE. Entre eles 70% dizem não ter condições para colaborar com a implementação do método e 60% acreditam não ter subsídios legais para participar das diferentes fases da SAE. No entanto, apesar da falta de familiaridade com a metodologia, 94,8% acreditam na importância da sistematização para prestar um cuidado com melhor qualidade para o paciente.

Ramos (2007) em sua dissertação de mestrado desenvolvida pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, realizou um estudo de natureza descritiva, em um hospital escola do interior paulista, com o objetivo de caracterizar o processo de trabalho dos auxiliares e técnicos de enfermagem relacionando-o com a operacionalização da SAE sob a ótica desses profissionais. Os resultados do estudo possibilitaram à autora concluir que

o desconhecimento das fases da SAE pelos sujeitos da pesquisa, evidencia mais uma vez, a falta de informação sobre essa metodologia assistencial, e a necessidade de rever a capacitação destes profissionais, não apenas em nível de instituição hospitalar, mas da incorporação desta matéria nos cursos profissionalizantes (RAMOS, 2007, p.48).

Pelos dados da mesma pesquisa torna-se evidente que as escolas técnicas não abordam a SAE como método para sistematizar o cuidado, ficando a cargo das instituições de trabalho, que adotam a metodologia, realizar capacitações (RAMOS, 2007).

Na mesma linha de pesquisa, Cruz (2008), em sua dissertação de mestrado desenvolvida pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizou um estudo qualitativo descritivo exploratório com um grupo focal de técnicos de enfermagem do Hospital das Clínicas de Porto Alegre, cujo objetivo foi

conhecer na perspectiva dos técnicos, as competências desenvolvidas na sua formação para implementar a SAE. De acordo com a autora

[...] a análise das informações sugere que a participação do técnico ainda é limitada, pois existem lacunas na sua formação inicial e ao longo da sua trajetória profissional sobre a concepção da SAE, dificultando seu entendimento e valorização (CRUZ, 2008, p.51).

Ainda na mesma pesquisa ficou evidenciado, na perspectiva de alguns sujeitos, que a SAE é o resultado das ações desencadeadas a partir da prescrição de enfermagem. Dessa forma, percebe-se uma visão reducionista do processo, direcionada para execução da prescrição de enfermagem, e a falta de clareza sobre as outras etapas que permitem sua inclusão (CRUZ, 2008).

Essa visão tecnicista das ações realizadas pelos técnicos de enfermagem está intimamente ligada com o processo de ensino-aprendizagem difundido nas escolas. Cruz (2008) confirma essa afirmação ao registrar em sua pesquisa que

[...] a formação dos técnicos e seus processos de trabalho, na maioria das vezes, destacam práticas que não valorizam o conhecimento intelectual e sua articulação com os demais saberes. O saber fazer dessa forma, direciona suas atividades, sustentando a dissociação entre as diversas dimensões dos conhecimentos que compõem uma competência, sendo compreensível a ênfase da prática no exercício profissional (CRUZ, 2008, p.68).

Na formação dos técnicos de enfermagem a SAE não é abordada e a ênfase do aprendizado direciona-se para os cuidados de enfermagem, valorizando o conhecimento a respeito da patologia do paciente e as técnicas que contribuem para realização do cuidado (CRUZ; ALMEIDA, 2010).

Kobayashi e Leite (2004) corroboram com essa opinião ao realizarem um estudo exploratório documental em 26 planos de ensino de cursos técnicos de enfermagem, em escolas da cidade de São Paulo, e constataram que o enfoque da formação dos técnicos é para realização de tarefas e atividades. Há ainda a prevalência do saber fazer na educação de nível médio.

Neste estudo o saber fazer apareceu como principal atividade em 59% dos currículos escolares, traduzido por verbos como: executar, empregar, realizar, utilizar, aplicar, calcular, identificar e operar, além de exigirem a execução de atividades de cunho técnico. Apenas em 34% apareceu como mais importante nas grades curriculares, o saber conhecer, que é expresso por palavras como auxiliar, participar, colaborar, interagir, analisar, desenvolver e dimensionar que implicam em atuação técnico-científica, mas integrada ao enfermeiro e à equipe de Enfermagem, ou seja, o técnico

exerce suas atribuições com a orientação e supervisão do enfermeiro ou como membro participante de um grupo de trabalho (KOBAYASHI; LEITE, 2004).

Longaray, Almeida e Cezaro (2008) realizaram uma pesquisa qualitativa exploratória descritiva com técnicos e auxiliares de enfermagem no Hospital das Clínicas de Porto Alegre. Nesse estudo, os entrevistados mostraram, através de suas respostas, que detém um grau de conhecimento maior do PE. Segundo seus relatos, o PE amplia a visão e organiza o cuidado, aproxima a equipe de enfermagem e favorece a continuidade dos cuidados prestados.

No entanto, esse conhecimento ocorreu durante o exercício profissional e não durante a formação dos profissionais. Desta forma, as autoras sugeriram “que os professores dos cursos técnicos de enfermagem incluam no currículo o conteúdo do PE na formação desses profissionais” (LONGARAY; ALMEIDA; CEZARO, 2008, p.155).

Mangueira e Fontes (2008) validam as opiniões anteriores ao afirmarem que

a partir da análise da matriz curricular das escolas formadoras de técnicos de enfermagem, não se evidenciou um enfoque direcionado ao ensino do Processo de Enfermagem, ou seja, o ensino do método, com abordagem de suas fases, sistemas de classificação utilizados e bases teóricas que o subsidiam; embora houvesse indícios de sua aplicação em algumas disciplinas (MANGUEIRA; FONTES, 2008, p. 442).

Tais aspectos influenciam o resultado final dos egressos desses cursos, a qualidade do cuidado prestado por eles e a forma de inserção na equipe de enfermagem e de saúde. Esses déficits na formação dos técnicos refletem diretamente no processo de cuidar, haja vista que um cuidar sistematizado repercute a qualidade da assistência prestada.

Souza, Filha, Silva, Monteiro e Fialho (2006) apontam como contribuintes para a não sistematização do cuidado a falta de profissionais qualificados e a área de conhecimento, relativamente nova. Isso pressupõe que a metodologia da SAE merece e deve ser melhor trabalhada durante a formação dos profissionais envolvidos.

Carvalho, Dalri, Napoleão, Ramos, Salvador e Reis (2008), sustentam a opinião dos demais autores ao afirmarem que o envolvimento discreto ou inexistente dos auxiliares e técnicos de enfermagem é um dos fatores dificultadores na implantação do PE. Durante a sua pesquisa, eles entrevistaram enfermeiras de um hospital em Ribeirão Preto e Brasília e questionaram se os auxiliares e técnicos poderiam participar do PE. Na maioria das respostas, os enfermeiros apontaram a importância da participação desses profissionais no planejamento do cuidado como um fator que possa torná-los menos resistentes ao emprego desse método.

Acredita-se que a resistência, ocorra na maioria dos casos pela insegurança oriunda dos profissionais de nível médio, já que, o novo quase sempre causa medo e desconfiança. Se eles forem preparados durante sua formação, certamente chegarão ao serviço mais receptivos às mudanças propostas. “Nesse sentido, a inclusão de conteúdo sobre o Processo de Enfermagem e as competências exigidas dos diferentes membros da equipe de enfermagem devem ser considerados nas instituições profissionalizantes” (CARVALHO; DALRI; NAPOLEÃO; RAMOS; SALVADOR; REIS, 2008, p.76).

Na área da saúde, são constantes as transformações na organização do trabalho, com a implantação de novos modelos assistenciais, visando atender às modificações da realidade. A nova prática da Enfermagem requer uma readaptação que já vem ocorrendo no ensino superior, enquanto que o pessoal de nível médio continua sendo formado com um currículo obsoleto (MANGUEIRA; FONTES, 2008).

Essas lacunas na formação talvez possam ser justificadas, considerando que os formatos curriculares dos cursos de técnicos de enfermagem estão vinculados à própria história de formação desses cursos e também às sucessivas mudanças da legislação educacional, o que revela uma dificuldade na orientação a ser definida para o ensino técnico, ora pendendo para uma proposta mais global e articulada, ora atendo-se ao leito tecnicista (SORIO, 2005).

Independentemente de qualquer justificativa, sistematizar é preciso. A SAE é capaz de trazer implicações positivas para a categoria de enfermagem, para o cliente e para os profissionais em particular (MENDES; BASTOS, 2003). No entanto, o sucesso para execução da prática assistencial depende da qualidade da formação de todos os membros da equipe de enfermagem, sejam eles profissionais de nível superior ou médio.

4.1- Limitações do estudo

As publicações referentes ao ensino da SAE nos cursos técnicos ainda são bastante escassas. Essa foi a principal dificuldade para formação de um referencial teórico consistente. Autores como Longaray, Almeida e Cezaro (2008); Mendes e Bastos (2003) relatam a mesma dificuldade para construção das suas pesquisas. No que se refere às publicações para os graduandos em enfermagem, a realidade já é uma produção literária em maior número.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das informações permite afirmar que a participação do técnico de enfermagem no desenvolvimento da SAE ainda é limitada, haja vista que existem lacunas importantes na sua formação inicial, dificultando seu entendimento sobre a metodologia e sua valorização do processo. Embora as DCN estabeleçam como concepções orientadoras o modelo de competências, o que se percebe é que os currículos das escolas de nível médio ainda priorizam o saber fazer, ou seja, a técnica. Os profissionais formados sob essa orientação apresentam dificuldade de desenvolver um raciocínio que articule o seu fazer com a metodologia da SAE, que requer profissionais críticos, reflexivos e com ideal transformador.

Percebe-se que para uma implementação efetiva da SAE nos ambientes de trabalho, com o interesse e a colaboração dos técnicos de enfermagem, a capacitação oferecida pelos serviços de saúde é insuficiente. Necessário, de fato, é que as escolas de nível técnico abram espaços em seus planos de ação curricular para o ensino da SAE, pois somente com uma formação sólida esses profissionais poderão contribuir verdadeiramente para que a metodologia se firme como indispensável ao cuidado prestado pela equipe de enfermagem.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **As práticas de saúde ao longo da história e o desenvolvimento das práticas de enfermagem.** Disponível em: www.abenpe.com.br. Acesso em 12 nov. 2011.

BRASIL. Lei n. 7.498/1986, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a Regulamentação do Exercício da Enfermagem e dá outras providências. **In: Conselho Regional de Enfermagem de Minas Gerais. Legislação e Normas.** Belo Horizonte: COREN-MG, v.12, n.1, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB n.16/99. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação Profissional de nível Técnico [legislação na internet]. Brasília, 1999. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/tecnico/legisla_parecer1699.pdf. Acesso em: 03 nov. 2011.

Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Resolução 272/2002, de 27 de agosto de 2002. Dispõe sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem nas instituições de saúde brasileiras. **In: Conselho Regional de Enfermagem de Minas Gerais. Legislações e Normas.** Belo Horizonte: COREN-MG, v.12, n. 1, 2010.

Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Resolução 358/2009, de 15 de outubro de 2009. Dispõe sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem e a implementação do Processo de Enfermagem em ambientes, públicos ou privados, em que ocorre o cuidado profissional de Enfermagem, e dá outras providências. **In: Conselho Regional de Enfermagem de Minas Gerais. Legislação e Normas.** Belo Horizonte: COREN-MG, v.12, n.1, 2010.

Conselho Regional de Enfermagem (COREN). Decisão COREN-SP-DIR 008/1999. Normatiza a implementação da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) nas Instituições de Saúde, no Âmbito do Estado de São Paulo. Disponível em: www.corensp.org.br/resolucoes/decisoes.html. Acesso em: 08 jan. 2012.

CARVALHO, E.C. de; DALRI, M.C.B.; NAPOLEÃO, A.A.; RAMOS, L.A.R.; SALVADOR, M.; REIS, P.E.D. dos. A contribuição dos membros da equipe de enfermagem para o processo de enfermagem na visão dos enfermeiros. **Rev. Min. Enferm.** Belo Horizonte, v.12, n.1, p.71-78, jan./mar., 2008. Disponível em: biblioteca.unipac.br/.../wxis.exe?...PROCESSOS%20DE%20ENFER. Acesso em: 10 nov. 2011.

CRUZ, A. de M.P. da. **Formação do técnico de enfermagem no desenvolvimento de competências para implementar a Sistematização da Assistência de Enfermagem.** 2008. 119 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Porto Alegre. Disponível em: www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14150. Acesso em: 10 nov. 2011.

CRUZ, A.de M.P. da; ALMEIDA, M. de A. Competências na formação de técnicos de enfermagem para implementar a Sistematização da Assistência de Enfermagem. **Rev**

Esc Enferm USP, São Paulo, v.44, n.4, p. 921-927, 2010. Disponível em: www.scielo.br/pdf/reecusp/v44n4/09.pdf. Acesso em: 10 nov. 2011.

KOBAYASHI, R.M.; LEITE, M.M.J. Formação de competências administrativas do técnico de enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem**, v.12, n.2, p. 221-227, mar./abr., 2004. Disponível em: www.eerp.usp.br/rlaenf. Acesso em: 10 nov. 2011.

LEADEBAL, O.D.C.P.; FONTES, W.D. de; SILVA, C.C. da. Ensino do processo de enfermagem: planejamento e inserção em matrizes curriculares. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v.44, n.1, p. 190-198, 2010. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080.... Acesso em: 10 nov. 2011.

LONGARAY, V.K.; ALMEIDA, M. de A.; CEZARO, P. de. Processo de enfermagem: reflexões de auxiliares e técnicos. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.17, n.1, p. 150-157, jan./mar., 2008. Disponível em: www.scielo.br/pdf/tce/v17n1/17.pdf. Acesso em: 10 nov. 2011.

MANGUEIRA, S. de O.; FONTES, W. D. de. O processo de enfermagem na matriz curricular de escolas formadoras de técnicos de enfermagem. **Rev. Eletr. Enf.**, v.10, n.2, p.438-447, 2008. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n2/v10n2a15.htm>. Acesso em: 10 nov. 2011.

MEDEIROS, M.; TIPPLE, A.F.V.; MUNARI, D.B. A expansão das escolas de enfermagem na primeira metade do século XX. **Rev. Eletr. Enf.**, v.10, n.3, 2008. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/revista1_1/Escolenf.html. Acesso em: 01 nov. 2011.

MENDES, K.D.S.; SILVEIRA, R.C. de C.P.; GALVÃO, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.17, n.4, p. 758-764, out./dez. 2008.

MENDES, M.A.; BASTOS, M.A.R. Processo de Enfermagem: sequencias no cuidar fazem a diferença. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v.56, n.3, p.271-276, mai./jun., 2003. Disponível em: www.scielo.br/pdf/reben/v56n3/a11v56n3.pdf. Acesso em: 12 nov 2011.

OLIVEIRA, M.L. de; PAULA, T.R. de; FREITAS, J.B. de. Evolução histórica da assistência de enfermagem. **ConScientiae**, São Paulo, v.6, n.1, p.127-136, 2007. Disponível em: www4.uninove.br/ojs/index.php/saude/article/view/919/788. Acesso em: 12 nov. 2011.

RAMOS, L.A.R. **Sistematização da Assistência de Enfermagem**: um estudo com auxiliares e técnicos de enfermagem. 2007. 131 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Ribeirão Preto. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22132/tde-13082007-104939/. Acesso em: 15 nov. 2011.

RAMOS, L.A.R; CARVALHO, E.C. de; CANINI, S.R.M. da S. Opinião de auxiliares e técnicos de enfermagem sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem. **Rev Eletr. Enf.**, v.11, n.1, p. 39-44, 2009. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n1/v11n1a05.htm>. Acesso em: 15 nov 2011.

SORIO, R. Profissionalização dos auxiliares de enfermagem no marco da reforma setorial no Brasil. In: Malvárez, S. **Profesionalización de auxiliares de enfermería em América Latina**. 13ªed., Argentina: OPS, 2005, p. 31-43.

SOUZA, A.C.C.; FILHA, M.J.M.M.; SILVA, L.F. da; MONTEIRO, A.R.M.; FIALHO, A.V.M. Formação do enfermeiro para o cuidado: reflexões da prática profissional. **Rev Bras Enferm**, v.59, n.6, p.805-807, nov./dez., 2006. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034... Acesso em: 12 nov. 2011.

SOUSA, M. T.; SILVA, M.D.; CARVALHO,R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v.8, n.1, p. 102-106, 2010.

TANNURE, M. C.; PINHEIRO, A. M. O que é a SAE. In: TANNURE, M. C.; PINHEIRO, A. M. **SAE: Sistematização da Assistência de Enfermagem: Guia Prático**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009, p. 9-11.